

**TIPOLOGIA LEXICAL: UM ESTUDO DO LÉXICO ETNOBOTÂNICO NAS  
LÍNGUAS*****LEXICAL TYPOLOGY: A STUDY OF ETHNOBOTANICAL LEXICON IN  
LANGUAGES******TIPOLOGÍA LEXICAL: UN ESTUDIO DEL LÉXICO ETNOBOTÁNICO EN LAS  
LENGUAS***

Natália de Paula Reis

**RESUMO:**

Este artigo tem por objetivo analisar, a partir de uma perspectiva tipológica, o léxico etnobotânico nas línguas portuguesa, espanhola, francesa, italiana e inglesa. Além disso, tendo em vista que o léxico expressa a visão de mundo de determinada comunidade e a metáfora é uma maneira de conceptualizar as coisas do mundo, pretendemos ainda atentar para o fenômeno da metáfora no léxico etnobotânico dessas línguas. Para tanto, este estudo tem como embasamento os postulados teóricos tipológicos de Croft (1993), Whaley (1997) e Moravcsik (2013) e as abordagens sobre metáfora de Lakoff e Johnson (2002), Turner e Fauconnier (2002) e Ferrarezi (2010). O *corpus* da pesquisa compreende dados de Silva (2007), Felice (2016), Blanca (s/d) e *Liste trilingue de noms de plantes médicinales* (s/d) e dados coletados com um raizeiro na cidade de Goiânia, Goiás. Nesse contexto, com base nesses referenciais teóricos, a análise dos dados toma a metáfora como um fenômeno conceptual e cultural, que reflete a interação organismo-organismo e organismo-mundo. Podemos observar ainda que esse fenômeno, como nos revelam os dados, além de estar vinculado à experiência sensório-motor do falante, é também uma tendência no que diz respeito ao léxico etnobotânico das cinco línguas.

**Palavras-chave:** Tipologia Lexical. Metáfora. Léxico etnobotânico.

**ABSTRACT:**

This article aims to analyze the ethnobotanical lexicon in Brazilian Portuguese and Spanish from a typological perspective. In addition, considering that the lexicon expresses the world view of a community and that the metaphor is a way of conceptualize the things of the world, we also intend to pay attention to the metaphor phenomenon in the ethnobotanical lexicon of these languages. For this purpose, this study will be based on the theoretical typological postulates of Croft (1993), Whaley (1997) and Moravcsik (2013) and on the metaphor approaches of Lakoff and Johnson

(2002), Turner and Fauconnier (2002) and Ferrarezi (2010). The research corpus included datas from Silva (2007) and Blanca (s/d) and also datas collected from a "raizeiro" in Goiânia, Goiás. In this context, from the basis of these theoretical references, the data analysis considers the metaphor as a conceptual and cultural phenomenon, which reflects the organism-organism and organism-world interaction. We can also observe that this phenomenon is a tendency in terms of the ethnobotanical lexicon of the five languages, besides it has being linked to the sensory-motor experience of the speaker, as the data reveal.

**Keywords:** Lexical Typology. Metaphor. Ethnobotanical lexicon.

## **Introdução**

Tendo em vista que o léxico se constitui como uma forma de registrar a visão de mundo e a realidade histórica e cultural de determinada comunidade linguística, a tipologia lexical, nesse sentido, pretende investigar tendências lexicais nas línguas do mundo (MORAVCSIK, 2013). Nesse contexto, partindo do modo como os vocabulários capturam a realidade em diferentes línguas e de uma perspectiva tipológica lexical, esse artigo objetiva analisar o léxico etnobotânico no português, no espanhol, inglês, francês e italiano.

Quanto a esse léxico etnobotânico, precisamos inicialmente enfatizar que compreender o processo da metáfora em diferentes línguas é uma tarefa bastante árdua. O falante ao dar nome a determinada planta de "blue flag" (inglês), "artiglio del diavolo" (italiano), "fausse-licorne" (francês), "cardo-santo" (espanhol) ou "pata-de-vaca" (português), por exemplo, mobiliza não somente relações semânticas de domínios conceituais diferentes, mas uma série de outras questões, sejam elas culturais, sociais, políticas, etc.

Nesse contexto, pretendemos delimitar nossa análise tipológica especialmente aos aspectos linguísticos, tendo em vista a amplitude e complexidade de todas as outras questões concernentes ao processo metafórico. Para tanto, os conceitos de metáfora de Lakoff e Johnson (1980), Ferrarezi (2010) e outros, também nos auxiliarão na compreensão desse aspecto referente à estruturação do léxico etnobotânico nas línguas investigadas. Nesse sentido, partimos da noção de que a metáfora é um processo que se alimenta das experiências físicas, culturais e sociais dos falantes, e que é a partir do contato sensorial com a planta que ocorre a percepção e a construção dos sentidos, possíveis a partir da interação com o meio ambiente.

O *corpus* desse trabalho constitui-se de dados etnobotânicos da língua portuguesa, retirados de Silva (2007), da língua espanhola, retirados de Blanca (s/d), da língua italiana, retirados de Felice (2016) e das línguas francesa e inglesa, observados no texto *Liste trilingue de noms de plantes médicinales* (s/d). Além disso, constitui-se ainda de dados coletados em campo: i) entrevista com um raizeiro da cidade de Goiânia, Goiás; ii) registros fotográficos de plantas medicinais observadas em estabelecimento comercial da cidade.

Este artigo está organizado em 4 seções. Na primeira seção, inicialmente, temos a metodologia. Na segunda seção discutimos os principais contributos teóricos da tipologia para o trabalho. Na terceira seção apresentamos e refletimos acerca dos resultados. Na quarta, temos a conclusão, em que sintetizamos os resultados da pesquisa e retomamos as principais questões debatidas nesse artigo e, por último, apresentamos as referências.

## **1 Metodologia**

O estudo aqui proposto trata-se de uma investigação qualitativa, uma vez que se refere a um estudo com abordagem qualitativa dos dados, ou seja, uma análise que, sem o intuito de quantificar resultados, se volta de forma exploratória para a descrição, a análise e a interpretação do fenômeno da metáfora na nomeação de plantas medicinais em diferentes línguas.

O *corpus* dessa pesquisa parte de dados coletados por Silva (2007), Felice (2016), Blanca (s/d), *Liste trilingue de noms de plantes médicinales* (s/d) e de um estudo que realizamos em campo. Os dados coletados por Silva (2007) compreendem o léxico etnobotânico brasileiro, os coletados por Felice (2016) o léxico etnobotânico italiano, os coletados por Blanca (s/d) compreendem o espanhol, enquanto em *Liste trilingue de noms de plantes médicinales* observamos o léxico etnobotânico da língua inglesa e francesa. O estudo de campo realizado é composto por entrevistas com um raizeiro, morador da cidade de Goiânia, Goiás e de fotografias registradas em um estabelecimento que vende plantas medicinais na mesma cidade.

O critério de seleção para análise dos dados foi o da metáfora. Nesse sentido, depois de agrupadas em: i) metáforas inspiradas em animais, ii) metáforas inspiradas em experiências sensoriais e iii) metáforas com inspiração religiosa, selecionamos dados

aleatórios das línguas investigadas, tendo em vista esses grupos. Após essa seleção dos dados, passamos para a análise tipológica dos mesmos, visando observar a semelhança ou diferenciação no léxico etnobotânico dessas línguas.

Para a coleta dos dados realizada em campo aplicamos a técnica de entrevistas gravadas com o auxílio de questionário-guia fixado previamente. Essas entrevistas se realizaram com fala monitorada, em que o informante foi conduzido a contar suas experiências vividas na comunidade. Para os registros fotográficos selecionamos apenas um estabelecimento de produtos naturais da cidade de Goiânia, uma vez que esse não é o objetivo principal desse trabalho.

Após leituras concernentes à pesquisa, realizamos uma categorização do fenômeno, procurando estabelecer articulações entre os dados coletados e os referenciais teóricos. Em seguida, com o *corpus* já constituído, as ocorrências das metáforas foram analisadas e interpretadas, a partir das diretrizes tipológicas.

## **2 Tipologia Linguística**

Apesar de ainda marginal, o trabalho seminal de Joseph Greenberg na década de 1960 deu início ao estudo da tipologia linguística, que posteriormente assumiu uma crescente proeminência na comunidade de linguística acadêmica. Em geral, os estudos tipológicos preocupam-se, tal como expõe Whaley (1997) e Moravcsik (2013), em investigar universais e estabelecer potenciais de variação nas línguas do mundo, ou seja, compreender até que ponto as línguas no mundo variam. A análise tipológica, a partir do estudo comparativo, busca, portanto, por universais da linguagem:

[...] tipologia no sentido linguístico é mais do que uma classificação de como as línguas diferem em sua estrutura. Uma descrição tipológica conduz a generalizações que delimitam o quanto as línguas podem variar; tais generalizações são universais da linguagem (CROFT 1993, p. 2)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Tradução minha. No original: “[...] typology in the linguistic sense is more than a classification of how languages differ in their structure. A descriptive typology leads to generalizations that constrain how much languages can vary; those generalizations are language universals”.

Nesse contexto, notamos que a busca de universais de linguagem é um dos principais fatores motivadores no estudo de tipologia linguística. No entanto, tendo em vista a presença de exceções, ou seja, padrões que não abrangem todas as línguas do mundo, e por provavelmente existir línguas que ainda não foram estudadas, pode-se falar em tendências entre línguas ao invés de universais absolutos. Desse modo, caso ocorra uma única língua que não compartilhe de tal universal, este perde seu status de universal absoluto, passando a ser considerado uma tendência. (COMRIE, 1989)

Ao examinar tais tendências nas línguas do mundo, os tipologistas estão interessados em investigar diferentes características formais da língua, incluindo, aspectos morfológicos, fonológicos, sintáticos, semânticos, lexicais. Dentre essas diferentes questões, esse artigo se debruçará sobre a tipologia lexical, que apesar de não ter sido a mais estudada pelos tipologistas, trouxe importantes avanços para a área da linguística.

Ressaltamos que estudos relacionados à tipologia, especialmente a tipologia semântica e lexical, foram muitas vezes desprezados pelo ramo da linguística. As pesquisas relacionadas à área da Tipologia Lexical, tal como apresenta Moravcsik (2013), abordam, principalmente, acerca das palavras usadas para designar as partes do corpo nas línguas do mundo (Brown, 2005) ou até mesmo sobre as concepções de cores e números em diferentes línguas, como retratam Berlin e Kay (1969 (1991)) ao proporem sua World Color Survey (WCS). Entretanto, trabalhos sobre tipologia lexical parecem não abordar o léxico etnobotânico nas línguas.

Podemos, portanto, a partir das considerações sobre o que é tipologia linguística, deprendermos que a preocupação principal da Tipologia Lexical está em buscar e analisar similaridades e diferenças no que se refere ao léxico das línguas. Sabemos que essa não é uma tarefa fácil, uma vez que o léxico revela as experiências dos falantes com o mundo e sua interação comunicativa por meio dos significados que carregam as palavras. Nesse sentido, o léxico é o elemento que torna aparente as relações existentes entre língua, cultura e sociedade.

Nesse contexto, estabelecer relações entre o vocabulário de duas ou mais línguas significa também estabelecer correspondências entre suas culturas, experiências e concepções de mundo. De acordo com Moravcsik (2013, p. 59):

[...] tornou-se claro que a percepção humana da realidade, em vez da própria realidade, é a base dos significados e estruturas das palavras.

O vocabulário de uma língua é um depósito de pensamentos: de nossas percepções e interpretações do mundo. Isso não é controverso: o pensamento cria palavras.<sup>2</sup>

Percebemos, portanto, que o ato de nomear se manifesta como resultado da nossa experiência com os outros e com o mundo. Nas palavras de Biderman (2001, p. 157) “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira de nosso percurso científico no conhecimento do universo”.

Destacamos, que apesar de acordados com essa relação entre vocabulário e visão de mundo dos falantes discutida por Biderman (2001) e Moravcsik (2013), não temos aqui a ingenuidade de pensar em demonstrar toda a cultura desses povos, muito menos ambicionamos criar tendências/universais linguísticos, já que lidamos com uma amostra pequena de línguas. Entretanto, pretendemos, de certa forma, perceber como o léxico nessas línguas está vinculado às experiências dos falantes, e dentro do possível, legitimar esse conhecimento botânico popular.

### **3 Análise dos dados: o léxico etnobotânico nas línguas**

Sabemos que a diversidade biológica mundial é enorme e que a flora faz parte dessa variedade. Alguns desses vegetais são frequentemente utilizados por populações tradicionais e seu uso vem crescendo no Brasil e no mundo (BORGES, 2013). Nesse sentido, tem sido comum o uso da medicina popular como conhecimento e prática cultural de determinadas comunidades.

Em pesquisa realizada no site da Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações percebemos que o estudo sobre plantas medicinais já foi objeto de investigação de outros pesquisadores, em dissertações e teses. A dissertação de mestrado intitulada “Um cotidiano partilhado – entre práticas e representações de benzedeiros e raizeiros”, por exemplo, alinhada à perspectiva desse artigo, visa resgatar e documentar conhecimentos tradicionais. Na dissertação, a pesquisadora (Giselda Shirley da Silva) observa as práticas dos benzedeiros e raizeiros em uma comunidade remanescente quilombola de Santana da Caatinga.

---

<sup>2</sup> Tradução minha. No original: “[...] it has become clear that the human perception of reality, rather than reality itself, is the basis of the meanings and structures of words. The vocabulary of a language is a depository of thoughts: of our perceptions and interpretations of the world. This much is noncontroversial: thought creates words.”

Além disso, destacamos ainda a tese de doutorado “O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente” em que o pesquisador (Gilberto Paulino de Araujo) a partir de uma abordagem ecolinguística investiga como tem se dado as transformações do conhecimento etnobotânico de duas comunidades kalunga (Engenho II e Vão de Almas).

Apesar de esses pesquisadores abordarem o léxico etnobotânico, nenhum deles leva em conta os estudos tipológicos e a comparação entre línguas, na medida em que fazem recortes de apenas algum contexto/comunidade específica. Conforme sabemos, existem semelhanças e diferenças no modo como as línguas capturam a realidade através do léxico. Vemos, portanto, também no que se refere ao léxico etnobotânico que há algumas tendências de como as plantas medicinais são nomeadas, e é isso que essa seção pretende discutir.

Antes de adentrarmos nas reflexões sobre os nomes das plantas medicinais nas cinco línguas investigadas, destacamos, já de início, o caráter tradicional das práticas de medicina popular, uma vez que, em conversa com raizeiro, a família foi referida como principal fonte na transmissão do conhecimento em relação às plantas medicinais:

**Pesquisador:** Com quem o senhor aprendeu esses conhecimentos?

**JCM<sup>3</sup>:** Praticamente é um conhecimento de família, dia-a-dia. Aprendi com meus pais meus irmão.. e aí vai passando

Vemos que essa transmissão intergeracional é uma maneira de conservação dos saberes, a fim da garantia da preservação e da sustentação da tradição do grupo. Há, portanto, a necessidade da manutenção da própria cultura de determinada comunidade, possível a partir das relações com o outro e com o próprio ambiente, permitindo trocas e aquisição de novos conhecimentos.

É importante ressaltar ainda a concepção de metáfora adotada nesse trabalho, posto que especial atenção é dada a esse fenômeno nas análises. Alinhados às perspectivas de Lakoff e Johnson (1980 (2002)) e Ferrarezi (2010) entendemos que “a essência da metáfora é entender e experimentar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980 (2002)). Nesse sentido, a pesquisa aqui proposta vincula a concepção de metáfora à noção de que os conhecimentos novos, adquiridos pelos seres humanos, são atracados naqueles já conhecidos, de modo que as projeções feitas de um

---

<sup>3</sup> Iniciais do participante da pesquisa



domínio para outro são possíveis graças aos correspondentes parciais, às semelhanças presentes entre os componentes. Entendemos ainda a metáfora como um fenômeno que para além do cotidiano, é também cultural (FERRAREZI, 2010)

Há, portanto, consoante com nossas investigações (sejam em teses, dissertações, revistas, ou em pesquisa de campo), uma tendência do léxico etnobotânico das línguas ser constituído por metáforas, conforme ilustramos nos dados a seguir:

- a) **Português:** Nome científico: *Aristolochia brasiliensis*/ Nome popular: Crista-de-galo
- b) **Espanhol:** Nome científico: *Uncaria tomentosa*/ Nome popular: Uñas-de-gato
- c) **Inglês:** Nome científico: *Equisetum*/ Nome popular: Horsetail
- d) **Francês:** Nome científico: *Equisetum*/ Nome popular: Prèle
- e) **Italiano:** Nome científico: *Taraxacum officinale*/ Nome popular: Tarassaco

Conforme podemos perceber há uma tendência nas línguas da ocorrência do léxico etnobotânico inspirado nos animais. Como verificamos nos dados acima, estabelecem-se correspondências entre as propriedades físicas das plantas e as propriedades físicas dos animais.

Nesse sentido, ao darmos nomes às plantas de ‘crista de galo’ (como verificamos em *a*) ‘unãs de gato’ (verificado em *b*) ‘horsetail’ (verificado em *c*), ‘prèle’ (em *d*) e ‘tarassaco’ (em *e*), estabelecemos essas correspondências. A metáfora, desse modo, se configura a partir da relação de dois domínios diferentes. Então, traz-se conceitos de um domínio animal para o domínio da flora. As figuras seguintes ilustram essas correspondências das características das plantas e dos animais, verificadas de *a* a *e*:

**Figura 1: “Crista-de-galo” e “Uñas-de-gato” (respectivamente)**





**Figura 2: “Horsetail; Prèle” “Tarassaco” (respectivamente)**

Notamos que, em qualquer das línguas investigadas, é a partir do contato sensorial com a ‘coisa’ (planta e animal) que ocorre a percepção e a construção dos sentidos. Esse tipo de metáfora prevê, portanto, não somente a experiencição dos falantes com as plantas, mas também com os animais (bem como do conhecimento de suas propriedades físicas, nestes casos, das suas cristas, unhas, rabos ou dentes). As metáforas, nesses usos, resultam da mescla de elementos de diferentes domínios conceptuais, estruturam-se internamente, portanto, através do processo de mesclagem conceptual (FAUCONNIER, 1997). Em ‘crista de galo’ por exemplo, notamos que o falante dá o nome à plantas devido à semelhança desta com o animal: da flor (formato, cor) parecida com a crista, próprias dos galináceos machos.

Nas outras línguas investigadas não é diferente, uma vez que há também essa relação plantas-animais nas construções metafóricas. Como vemos em ‘unãs de gato’ (em português: unhas de gato) e conforme ilustra a figura 2 notamos a semelhança dos pares de espinhos grandes e curvos que crescem ao longo do galho, com unhas de gato. Em ‘horsetail’ e ‘prèle’ (em português: rabo-de-cavalo) também percebemos essa relação metafórica a partir da semelhança das folhagens da planta com o rabo de um equino. Da mesma forma, vemos essa relação na planta com nome italiano “Tarassaco” que significa, em português, dente-de-leão (planta também vista em território brasileiro).

Atentando para o nome científico dessas plantas, destacamos que estas puderam ser observadas nos diferentes territórios em que tais línguas são faladas. A planta com nome de “uña-de-gato”, por exemplo, pode ser observada tanto no espanhol como no português (unha-de-gato) como retrata Silva (2007). Além disso, ‘horsetail’ e

‘prèle’, que quer dizer rabo de cavalo coincide com o que chamamos no português brasileiro de ‘cavalinha’ e no espanhol de ‘cola-de-caballo’. Esses aspectos observados demonstram que além da questão cultural, a questão geográfica também pode influenciar na construção do léxico etnobotânico. Dessa forma, acreditamos que, provavelmente, muitas das plantas que encontramos em território brasileiro também podem ser encontradas nos territórios das línguas investigadas.

Apesar dessas tendências no que diz respeito ao léxico etnobotânico inspirado nos animais, notamos que metáforas desse tipo foram mais produtivas nos dados do português brasileiro. Na língua espanhola, por exemplo, de 230 nomes de plantas medicinais do *corpus* de Blanca (s/d), apenas duas metáforas compostas por nomes de animais foram verificadas, enquanto no *corpus* de Silva (2007) de 230 plantas investigadas 15 possuíam em seu nome, nomes de animais (rabo-de tatu, canela-de-ema, erva-de-lagarto, barba-de-bode, bosta-de-cabrito, etc..)

Vemos também em Silva (2007) que a religiosidade é um aspecto marcante na formação do léxico etnobotânico brasileiro. Ressaltamos também, a presença dessa religiosidade na constituição do léxico etnobotânico das outras línguas, conforme podemos verificar abaixo:

- f) **Português:** Nome científico: *Momordica charantia*/ Nome popular: Melão-de-São-Caetano
- g) **Espanhol:** Nome científico: *Cnicus benedictus*/ Nome popular: Cardo santo
- h) **Inglês:** Nome científico: *Hypericum perforatum*/ Nome popular: St. John’s Wort
- i) **Francês:** Nome científico: *Eryngium foetidum*/ Nome popular: Chardon Béni
- j) **Italiano:** Nome científico: *Rhamnus purshiana*/ Nome popular: Cascara sagrada

Notamos que os nomes de plantas em *f* e *h* são constituídos por nomes de santos do cristianismo católico. Isso ocorre provavelmente, devido para o catolicismo, os santos serem invocados para a cura de doenças específicas. Nesse sentido, assim como se crê que o santo pode curar determinada doença, acredita-se que a planta medicinal também tem esse poder, nomeando-a, portanto, com nomes de santos. No léxico etnobotânico da língua espanhola, observamos apenas ‘cardo-santo’ que apesar de não possuir o nome de um santo específico como em ‘melão de São Caetano’ retrata

também esse aspecto religioso imbricado na nomeação das plantas medicinais. Isso também ocorreu no francês e italiano que apesar de não nomear as plantas com nomes de santos diretamente, trazem léxicos do campo religioso para essa nomeação (do francês ‘béni’- quer dizer abençoado, e do italiano ‘sagrada’) compondo de diferentes formas o léxico etnobotânico das línguas. Outros nomes de plantas desse tipo também foram observados no *corpus* como “erva-de-santa-maria” e “lady’s mantle” (em português: manto de senhora) que provavelmente se refere ao manto de nossa senhora, enfatizado pelo cristianismo católico.

Além disso, outras questões concernentes ao processo metafórico presente no léxico etnobotânico também puderam ser observadas, como destacamos abaixo:

- l) **Português:** Nome científico: *Aeollanthus suaveolens*/ Nome popular: Catinga-de-mulata
- m) **Espanhol:** Nome científico: *Solidago virgaurea* L./ Nome popular: Vara de oro
- n) **Francês:** Nome científico: *Illicium verum* / Nome popular: Anis étoilé

**Figura 3: ‘vara-de-oro’ e ‘anis étoilé’ (respectivamente)**



Nas nomenclaturas populares acima, bem como na figura 3, notamos que as metáforas não resultam das relações de semelhanças entre propriedades de plantas e animais, mas das próprias propriedades sensoriais das plantas (cor, cheiro, etc..). Em ‘catinga-de-mulata’ notamos que o aspecto cheiro é o gerador da metáfora. Dessa maneira, a partir das experiências do falante de que a planta possui mau cheiro, ele a associa à ‘catinga’ das mulatas. Percebemos, nesse contexto, que há também um caráter preconceituoso na nomeação, uma vez que existe nesse léxico uma especificação no que

diz respeito às mulatas, atribuindo o odor apenas a essa etnia. Nesse sentido, observamos que o léxico representa não somente a cultura de determinada comunidade, mas também toda uma ideologia e crença nela imbricada. Em ‘vara-de-oro’ (em português: vara-de-ouro) notamos que o nome dado a planta está relacionado à cor de suas flores (amarelas, cor de ouro), o que desencadeia a expressão metafórica. A planta “anis étoilé” também verificada no português brasileiro com nome de anis estrelado, também se configura como metáfora, uma vez que relacionam-se noções semânticas de dois domínios diferentes (a concepção icônica que se tem de estrela e sua transposição para o domínio botânico). Nesse sentido, a relação metafórica é desencadeada pelas semelhanças do formato de uma estrela com o formato da planta.

Além disso, em pesquisa em estabelecimentos que lidam com plantas medicinais na cidade de Goiânia, Goiás, outras metáforas também puderam ser observadas nas nomeações botânicas. Notamos que mesmo em contexto comercial e de industrialização das plantas o nome de uso popular foi mantido, o que retrata a convencionalização desse léxico.

A partir desses exemplos percebemos que a metáfora, como nos revelam algumas palavras pertencentes ao léxico etnobotânico, se torna uma maneira de conceptualizar as coisas do mundo, vinculada à formação cultural do homem, à sua constituição biofísica em contato com o mundo ao seu redor. Desse modo, a construção do sentido não seria, portanto, uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que presume cooperação, ou seja, é a interação entre sujeito-sujeito e sujeito-mundo que possibilita a construção do significado (MIRANDA, 2001).

#### **4 Considerações Finais**

Inicialmente, carece apontar que, apesar das tendências verificadas, devemos considerar que o *corpus* investigado é reduzido diante da inúmera riqueza botânica mundial. Nesse sentido, não pretendemos elaborar universais ou até mesmo excluir possibilidades de ocorrências no que diz respeito a esse léxico. Apenas objetivamos, com esse artigo, demonstrar a maneira como a cultura influencia diretamente na constituição do léxico, e nesse caso, do léxico etnobotânico.

Além disso, sabemos ainda que seria, de certa forma, mais interessante trazer à tona o léxico etnobotânico de línguas minoritárias, já que a tipologia pretende dar ênfase na diversidade linguística. No entanto, devido à carência de dados dessas línguas e da não possibilidade de estudo de campo, concentramo-nos apenas nas línguas portuguesa, espanhola, francesa, italiana e inglesa.

Apesar dessas limitações, percebemos que há uma tendência nessas línguas de utilizar de metáforas na constituição do léxico etnobotânico. Tendo em vista que a metáfora é um fenômeno que está imbricado às experiências físicas, sociais e culturais dos falantes, vemos ainda, a quão vinculada se faz a relação entre linguagem, sociedade e cultura.

Nesse contexto, vemos que na medida em que os falantes relacionam-se com o seu ambiente, e desse modo com as plantas, eles cognitivamente constroem todo um léxico, baseado em sua percepção e interação com o ambiente e com os outros (que caracteriza o social).

Cremos que este estudo muito poderá contribuir para as pesquisas da área da linguística, na medida em que demonstra a noção de léxico e cultura e tem em vista que o compartilhamento do uso das metáforas corrobora para a manutenção dos saberes tradicionais e para a promoção do senso de pertencimento de um grupo. Vemos ainda, a partir desse estudo, a necessidade de valorização dos saberes dos povos tradicionais, de modo específico dos saberes etnobotânicos dos raizeiros.

## Referências

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e Lexicografia. *TradTerm*, 7, 2001. p. 153-181. Disponível em: <myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v07n1/v07n1a10.pdf>. Acesso em 11 Out 2017.

BLANCA. Más de 230 plantas medicinales mas efectivas y sus uso. De medicina.com, *Revista Marie Clarie*. Disponível em: <<https://demedicina.com/230-plantas-medicinales-mas-efectivas-y-sus-usos/>> Acesso em 24 Out 2017

CAMERON, L. Metaphor and talk. In: GIBBS JR., R. W. *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 197-211.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993

FELICE, Matteo. *Piante medicinali: elenco completo e schede*. Marzo, 2016. Disponível em: <<https://www.ideegreen.it/piante-medicinali-elenco-schede-71252.html>> Acesso em: 08 Nov 2017

FERRAREZI, C. *Semântica de contextos e cenários*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Educ, [1980]2002.

Liste trilingue de noms de plantes médicinales. Flora Medicina École D'Herboristerie. Disponível em <[https://www.floramedicina.com/sites/www.floramedicina.com/files/ressources/liste\\_trilingue\\_fra\\_1.pdf](https://www.floramedicina.com/sites/www.floramedicina.com/files/ressources/liste_trilingue_fra_1.pdf)> Acesso em: 08 Nov 2017

MORAVCSIK, E. A. *Introducing Language Typology*. Cambridge University Press, 2013.

TURNER, M.; FAUCONNIER, G. Metaphor, metonymy and binding. In: *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. New York: Mouton de Gruyter, 2002.

WHALEY, L. J. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. SAGE publications, 1997.